

Estudos culturais: de Gramsci aos fluxos migratórios contemporâneos

Cultural studies: of Gramsci to contemporary migratory flows

Otávio Cezarini ÁVILA¹

Resumo

O artigo faz um levantamento teórico dos estudos culturais, a partir da ótica de Gramsci e seus conceitos de intelectual orgânico, ideologia e, especialmente, de hegemonia. A partir disso, são estruturadas as formas de como este pensamento se inicia em Birmigham, na Inglaterra e sua chegada ao contexto social da América Latina. Utilizando-se de autores destas localidades, busca-se encontrar um pensamento que siga uma linha de raciocínio vinculado ao território – local de pertença – de cada autor, na medida em que os conceitos de Gramsci são atualizados frente às novas necessidades, especialmente a dos fluxos migratórios contemporâneos. Fluxos os quais o presente artigo faz uma introdução para pesquisas posteriores e localiza alguns espaços possíveis de ações comunicativas a fim de demarcar uma nova forma de representação destes indivíduos na sociedade.

Palavras-chave: Estudos culturais. Gramsci. Comunicação. Migrações.

Abstract

The article is a theoretical review of cultural studies, from the perspective of Gramsci and his concepts: organic intellectual, ideology and especially hegemony. From this, they are structured forms of how this thought starts in Birmingham, England and his arrival at the social context of Latin America. Using the authors of these locations, we seek to find a thought that follows a line of reasoning linked to the territory - place of belonging - of each author, in that the concepts of Gramsci are updated in the face of new needs, especially of contemporary migration flows. Flows which this article is an introduction to further research and finds some possible areas of communicative actions in order to demarcate a new form of representation of these individuals in society.

Keywords: Cultural studies. Gramsci. Communication. Migration.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: ota_cez@hotmail.com

Introdução

Os estudos culturais demarcam um campo importante para os estudos comunicacionais, pois como poucas teorias, enfatizam os aspectos sociais que compõe a realidade dos sujeitos que participam do processo de sociabilidade. Esta assimilação da cultura pelos estudos nas áreas das ciências sociais ganha notoriedade a partir do século XX, quando há um crescimento exponencial das tecnologias da comunicação de massa e se permite visualizar a sociedade de modo mais amplo. A globalização abarca as novas dinâmicas comunicacionais irrompendo as fronteiras territoriais dos Estados-Nação, construídos politicamente como projeto da era moderna.

Este rompimento não significa apenas uma readequação política – vista de modo extenuante através de tantas guerras – mas um novo olhar cultural sobre estas novas dinâmicas de fluxo de pessoas e capital. É dentro deste cenário que este trabalho busca refletir sobre os estudos culturais, especialmente com um enfoque ao fluxo migratório de pessoas.

Junto a isto, e reconhecendo a pluralidade que os estudos culturais apresentam a partir da sua orquestração pelo Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) na Universidade de Birmigham, na primeira metade do século XX, o artigo dará um enfoque às contribuições de Antonio Gramsci, filósofo e político italiano, nas conceituações de hegemonia, ideologia e de intelectual orgânico para demarcar uma abordagem contra-hegemônica dos estudos culturais.

Gramsci foi um dos fundadores e grande liderança do Partido Comunista Italiano, que fez oposição ao regime fascista de Mussolini. No final da década de 20 e início da década seguinte, Gramsci é preso pela polícia fascista e da prisão escreve a importante obra Cartas do Cárcere. O comunista ampliou o debate sobre o marxismo fazendo uma crítica ao determinismo econômico e ao materialismo filosófico, ao passo que invoca a disputa pela hegemonia cultural. Estes pressupostos dão centralidade teórica ao grupo de pesquisadores britânicos que se reúnem em Birmigham para pensar uma abordagem de origem marxista com um olhar próximo às dinâmicas culturais e menos deterministas como o apresentado pela obra de Adorno e Horkheimer nas primeiras teses da Escola de Frankfurt.

A partir destas contribuições de Gramsci, os estudos culturais avançam para a América Latina a partir da década de 1960 e encontram nesse universo de variadas culturas um campo propício para pensar novas formas comunicacionais para além dos meios de comunicação de massa.

1 Os estudos culturais e a ênfase marxista

Os estudos culturais se destacam no cenário das correntes de pensamento científico pela forma como constroem suas linhas de raciocínio embasadas em distintas escolas do conhecimento na obtenção de uma compreensão da cultura e dos processos sociais circunstanciais ao tempo pós-moderno e da necessária resistência das culturas populares.

Tanto o estruturalismo, seja pela variante linguística de Lévi-Strauss ou pela ênfase marxista de Althusser é influência para os estudos culturais na medida em que denotam a presença de estruturas que não são determinantes, mas condicionam os processos culturais. Da mesma forma, outro paradigma para os estudos culturais é o culturalismo que, mesmo podendo confundir o leitor de primeira viagem com os próprios estudos culturais, são anteriores a estes, demarcando para os estudos culturais a força no indivíduo com gerador de cultura, concepção deixada de lado pelo estruturalismo clássico.

A concepção de cultura vista a partir do popular e como resistência à cultura dominante demarca, todavia, um caráter marxista pela contra-hegemonia empregada por seus primeiros intelectuais como E.P Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart, tendo estes – especialmente o último – relações estreitas de vida com as culturas populares. A influência marxista em relação a outras correntes filosóficas e seu debate sobre a cultura deu forma aos estudos culturais como uma nova forma de perceber o pensamento de esquerda com uma cautela frente à relação determinista de Marx com os mecanismos da infraestrutura/superestrutura como determinantes da sociedade. Na troca desta determinação, os estudos culturais avançam para a compreensão das relações que os indivíduo travam entre si e os processo sociais que se estabelecem.

Avançando para esta perspectiva, se os estudos culturais surgem no contexto do debate sobre a modernidade, a questão da globalização e o horizonte marxista fazem com que o olhar recaia sobre os movimentos sociais que se organizam nesta realidade e as dinâmicas culturais decorrentes contribuem nas investigações para as experiências sociais. Para compreender esta dinâmica tornou-se proeminente e adequado o formato interdisciplinar dos estudos culturais e da própria ciência da comunicação:

Mais decisiva, sem dúvida, que a tematização explícita de processos ou aspectos da comunicação nas disciplinas sociais é a superação da tendência a destinar os estudos de comunicação a uma disciplina e a consciência crescente de seu estatuto transdisciplinar. (MARTÍN-BARBERO *apud* ESCOSTEGUY, 2010a, p.48).

Esta interdependência disciplinar nos estudos culturais advém do olhar que os processos sociais não são isolados, especialmente na relação dinâmica que estes têm com os processos produtivos e a estrutura. A partir desta intersecção, a análise dos meios de comunicação são parte da problemática de poder e hegemonia também, pois além de ser comunicação, configura-se também enquanto processo político, imerso na cultura. (ESCOSTEGUY, 2010a, p.49).

Escosteguy afirma que para pensar a pluralidade das matrizes culturais dentro de um engajamento político não é possível explicar a análise dos conflitos apenas pela ótica de classe, defendido por um marxismo determinista. A visão marxista dos estudos culturais, segundo a autora, recai sobre a ótica gramsciana. “O redefinido é tanto o sentido de cultura quanto o de política, permitindo (re)descobrir as culturas populares e a constituição de identidades. Isso em grande medida se deve à incorporação de parte do pensamento gramsciano.” (ESCOSTEGUY, 2010a, p.50).

Stuart Hall, preocupado na “formação social” e nas articulações entre o político, econômico e ideológico também admite não haver determinação de um sobre o outro, ao passo que o marxismo determinista dava “créditos” ao campo econômico, em detrimento dos outros. Esta concepção de “formação social”, no entanto, levaria em conta a relação “relacional” entre as articulações citadas, o que faria pensar nas forças favoráveis ou não a alguma tendência em questão. (ESCOSTEGUY, 2010a, p.103).

A análise cultural de Gramsci vai superando a superestrutura para a mediação das formas de produção, não a considerando apenas reflexo dos modos de produção, esta, estrutura dominante para o marxismo. Sua análise cultural tem forte incidência na

consideração do que é a ideologia, que para Gramsci é uma relação vivida, considerando-a através do conhecimento popular, cotidiano e o senso comum. Neste sentido, Gramsci considera que “todos os homens são filósofos”, portanto, dominam uma forma de saber, seja pela linguagem, o senso comum ou na religião popular e até mesmo o folclore. (ALMEIDA, 2008, p.5).

O que distingue o tratamento dado por Gramsci à ideologia é a preocupação que estrutura o pensamento popular. Assim, ele insiste que todos somos filósofos ou intelectuais, na medida em que pensamos, pois todo pensamento, ação e linguagem são reflexivos (...) e, dessa forma incluem uma concepção particular de mundo. (HALL, 2012, p.357).

No entanto, atento ao campo da linguagem como formação do pensamento e posterior ação, Gramsci demarca adentra no campo da disputa de hegemonia, que compõe a construção do ideário humano:

O problema da ideologia é fornecer uma interpretação, dentro de uma teoria materialista, de como as ideias surgem (...) Por ideologia eu compreendo os referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona. (HALL, 2012, p.295).

Esta ideia segue a lógica hegemônica de Gramsci na estabilização de uma forma de poder e dominação através de conceitos e linguagens no pensamento como parte da luta, “dominar o terreno da luta ideológica” (HALL, 2012, p.296). Hall busca diferenciar, contudo, que o que se entende por ideologia diz respeito pela “forma a qual a maioria das ideias pode se prender nas mentes das massas e levá-las a agir” e não simplesmente a “sistemas de pensamento”.

Outro importante conceito gramsciano é o de hegemonia, que ganha notoriedade no debate com a cultura, especialmente no que se refere a ela na sociedade de classes e levando em conta o domínio e a subordinação de determinadas classes. Almeida (2008) se refere à complexidade da discussão sobre hegemonia na ótica de Gramsci, a qual é vista como uma trama de relações. Estas relações não são apenas vinculadas ao tema macroeconômico, mas na própria maneira de como os aspectos culturais de classe interferem na manutenção ou questionamento da hegemonia. E sendo

a hegemonia processual e não singular, a mesma abre espaço às contra-hegemonias, que se mobilizam por meio da luta de classes. Escosteguy (2010) concorda com a questão afirmando que a hegemonia “admite tanto a reprodução do sistema de dominação quanto à resistência a esse mesmo sistema.” (p.97).

(...) a ‘hegemonia’, no sentido de Gramsci, requer não a simples ascensão de uma classe ao poder, com sua ‘filosofia’ inteiramente formada, mas o processo pelo qual um bloco histórico de forças sociais é construído e sua ascendência obtida. Portanto, a melhor forma de se conceber a relação entre ‘ideias dominantes’ e ‘classes dominante’ é em termos dos processos de ‘dominação hegemônica’. (HALL, 2012, p.322).

Os debates sobre hegemonia tiveram forte influência sobre os primeiros estudos do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) na Universidade de Birmingham a partir dos estudos sobre os meios de comunicação, não vistos como instrumentos de manipulação da massa pela classe dominante, mas como instrumentos de reprodução cultural – e ideológica – com toda sua complexidade. Almeida salienta que “o destaque era dado aos intercâmbios e interações complexas entre as culturas populares e a cultura hegemônica, aos processos de incorporação, reprodução e resistência.” (2008, p.6). Estes temas não deixavam de demarcar o caráter político do grupo com a produção destes intelectuais orgânicos. Sobre isso, cita Hall:

O segundo aspecto [*o político*] é igualmente crucial: o intelectual orgânico não pode subtrair-se da responsabilidade da transmissão dessas ideias, desse conhecimento, através da função intelectual, aos que não pertencem, profissionalmente, à classe intelectual. A não ser que essas duas frentes estejam operando simultaneamente, ou pelo menos a não ser que essas duas ambições façam parte do projeto dos estudos culturais, qualquer avanço teórico nunca será acompanhado por um envolvimento no nível do projeto político. (HALL *apud* ALMEIDA, 2008, p.7).

Isso significa que a relação que o intelectual tem com a classe não é mecânica, ou seja, não é mero reflexo da situação político-econômica, mas o mesmo possui certa autonomia em relação a ela. (GRAMSCI *apud* ALMEIDA, 2008, p.5). Almeida também considera que os intelectuais estão vinculados à classe dominante, sobretudo no desenvolvimento do capitalismo quando surge um novo tipo de intelectual, que seriam o especialista, o técnico e o administrador-burocrata, por exemplo. Este cenário em que os intelectuais estão vinculados é o que dá argumentação para a autonomia do indivíduo

em relação a uma classe. Mais do que a condição é a organicidade frente à classe que o define na luta de classes.

2 Os estudos culturais na América Latina

A partir da década de 70 e 80 há um incremento no quadro político da América Latina, devido a maior interferência das lutas populares pela participação no âmbito sociopolítico decorrente das práticas cotidianas e interesses situados em um campo mais vasto do que a produção. Estas formas de luta renovaram o campo político, culminando, segundo Escosteguy (2010a), a uma mudança no desenvolvimento capitalista que privilegiava a globalização econômica e dá novas formas ao político (fora das lutas partidárias apenas) e do cultural, questionando a ideia de dominação.

E mais: ‘é a própria categoria de fronteira a que perdeu suas referências e com ela a ideia de nação que inspirou toda uma configuração do cultural’ (MARTÍN-BARBERO, 1995b, p. 173). É nesse contexto de crise do âmbito da Nação, da identidade e de paradigmas, em especial aqueles fundamentados em ‘grandes narrativas’, que emerge uma nova valorização do cultural. Esse deslocamento abrange toda a América Latina, resguardadas as particularidades de cada nação. De toda forma, é dentro desse espectro que se inicia a configuração de um olhar que vê a comunicação *na* cultura e se associa aos estudos culturais. (ESCOSTEGUY, 2010a, p.53).

A entrada de Gramsci no Brasil na década de 60 culmina com a censura pela ditadura. No entanto, por estar unida aos estudos culturais as contribuições de Gramsci ganham visibilidade pela realidade da América Latina, especialmente na década de 80 com uma teoria latinoamericana para a comunicação. Almeida (2008) relata que as experiências de resistência ocorrem em lugares com caracterização simbólica, como comunidades, movimentos artísticos e de direitos humanos, ao mesmo tempo em que ocorria um vasto processo de escolarização e crescimento dos meios de comunicação de massa.

Já Canclini reflete este momento da América Latina com pessimismo sobre as movimentações sociais que combateriam os processos de desnacionalização e transnacionalização, as quais eram para os estudos culturais um projeto estratégico:

Os estudos culturais e os estudos latino-americanos das décadas de 1980 e 1990 do século XX estiveram ligados a movimentos revolucionários que acabaram seus ciclos ou foram desvirtuados a ‘alternativas’ socialdemocratas nos processos de democratização, fracassadas como projetos econômicos, sociais e culturais. Agora só contamos com referentes em movimentos sociais inovadores (o zapatismo, os sem-terra, os grupos de direitos humanos), capazes de encarar a questão indígena, a pobreza extrema e os efeitos históricos das ditaduras, mas que não conseguem substituir nem gerar mudanças decisivas no decadente sistema de partidos. (CANCLINI, p.157).

Da mesma forma que vê um proveito aquém do que esperava pelos perigos da globalização, Canclini reconhece a necessidade do debate cultural e este, atingindo a esfera pública, possa alcançar a aprovação de políticas afirmativas. O debate está em torno da cultura, sendo ela a que está em jogo no cenário político. Assim:

A ação afirmativa continua a ser importante nos campos da etnicidade e do gênero, mas até mesmo neles se verá restrita se não formos capazes de estudar e inventar novos modos de afirmação da diversidade cultural frente à transnacionalização econômico-simbólica. Sabemos que estas reivindicações devem buscar diminuir a desigualdade social, mas não o conseguiremos se não contarmos com uma informação e um poder cultural comparáveis - não equivalentes - aos que os atores transnacionais detêm. (CANCLINI, 2009, p.159).

3 Questão de classe e as mediações culturais

Se há no debate gramsciano sobre a cultura a crítica ao determinismo econômico marxista, há nas perspectivas latinoamericanas, sobretudo, a junção entre o popular e o erudito, por meio do massivo, organizando o hegemônico e o subalterno. Com esta perspectiva, Canclini critica a rigidez das classes sociais em detrimento de uma fluidez que se estabelece: “Só sugerimos que a reorganização dos cenários culturais e o cruzamento das identidades levam a perguntar-se de outro modo pelas ordens que regem as relações entre os grupos.” (CANCLINI, *apud* ALMEIDA, 2008).

Gramsci enfatiza o folclore como cultura popular considerando-o como concepção do mundo e de vida que se acha em contraposição às concepções de mundo oficiais. O que faz compreender o viés do popular de não residir suas qualidades principais na beleza ou na autenticidade, mas na capacidade de materializar o modo de viver e de expressar das classes subalternas. Sendo assim, torna-se importante considerar outra ótica da capacidade de ação, que é transferida da classe dominante para

a dominada, significando ao mesmo tempo resistência, ante uma imposição da outra classe. Esta penetração do popular na cultura dominante faz Barbero afirmar que “nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão.” (MARTÍN-BARBERO, 2013, p.114).

3.1 O *habitus* de classe e a capacidade produtiva

A reprodução da cultura é admitida pelo *habitus de classe*, que orienta o trajeto e domina as práticas e, em primeira instância, é definido como “o produto da inferiorização dos princípios de um expediente cultural, capaz de perpetuar nas práticas os princípios do expediente interiorizado”. (BORDIEU apud MARTÍN-BARBERO, 2013, p.118). No entanto, a concepção utilizada para os estudos culturais do *habitus* de classe se refere a uma proposta de competência cultural, que tira o caráter de produto do *habitus* para adquirir uma visão orgânica das práticas cotidianas. Estas práticas cotidianas estruturadas a partir do *habitus* é para Martín-Barbero (2013) a maneira de eficácia da hegemonia quando programa seus discursos a para cada classe.

Relacionada a estas práticas, Certeau faz um crítica à reprodução como única lógica de sistematizar as práticas culturais. Certeau propõe uma teoria dos usos como operadores de apropriação, que a partir de um sistema de práticas leva em conta outras questões presentes instaurando uma relação de sujeito com os outros. (MARTÍN-BARBERO, 2013, p.120).

Um dos exemplos marcantes que Martín-Barbero (2013) dá para a criatividade, a qual admite Certeau como produto da cotidianidade, mostra-se na própria prática religiosa do nordeste brasileiro, que ao dar novos significados ao catolicismo (também chamado de catolicismo popular) tira do campo inalterável da ordem natural para a histórica. Esta exemplificação está situada no universo do indivíduo não-letrado que refaz o texto assimilando-o de acordo com as expectativas de um determinado grupo. Assim, Certeau considera esta nova lógica narrativa como a cultura popular, sendo este “popular” o lugar os quais irão estabelecer novas práticas culturais, não mais reproduzidas apenas por uma classe, mas pelo próprio cotidiano que incide sobre a vida dos sujeitos sociais.

4 Migrações: aspectos essenciais

Com a constituição dos Estados-Nação, a partir do século XVIII, a sociedade se encontra pela primeira vez com fronteiras nacionais delimitadas, ainda que os aspectos culturais estivessem dispersos em relação a esta nova dinâmica. Uma das causas principais a esta disfunção entre territórios e cultura se deu pelos empreendimentos colonizadores que marcaram o mundo durante séculos e vincularam vitalmente nações distantes uma das outras no aspecto territorial e cultural. A formação dos Estados-Nação demarca uma dominação econômica, que se estende para as práticas culturais, ou os *habitus de classe*, como afirma Bordieu. Se a análise de Certeau nega a palidez dos dominados, a dinâmica entre colonizadores e colonizados só vem intensificar a prática dos fluxos migratórios pelo globo, os quais, para o filósofo indiano Arjun Appadurai (2004), são um fato constitutivo da modernidade, que considera também a globalização descentralizadora dos processos produtivos e de intensificação das trocas.

Do mesmo modo, Hall (2012) afirma que não há uma relação de cópia, pois as fronteiras rígidas pelas quais se acreditavam que uma cultura emergiria não se adequam ao hibridismo em que as culturas estão inseridas. Esta forma preconizada pelos Estados-nação, através de comunidades políticas nacionais e suas “comunidades imaginadas” e pelas políticas nacionalistas são postas em desuso pelos caminhos que a globalização toma (na relação de conquista, exploração, formação de mercados mundiais). A própria aceção das fronteiras nacionais é recusada pela sociedade, que se fragmenta internamente.

Desta forma, Hall comenta que a fase transnacional do capitalismo, pós-1970, “tem seu ‘centro’ cultural em todo lugar e em lugar nenhum” (2012, p.40) com as formas, cada vez mais globais de mercado e fluxos do capital. A partir daqui, é possível ver de modo mais claro a inserção das tecnologias de comunicação, em sua era informática, novas relações de espaço-tempo, onde há uma desterritorialização pela globalização cultural e um afrouxamento dos laços entre cultura e lugar. Os lugares continuam a existir, mas não se sabe de onde originam as culturas.

Canclini, da mesma forma, faz uma crítica à concentração e alienação de recursos e diz que este panorama faz “reformular a agenda clássica dos estudos culturais”. Completa: “Faz parte do sentido discursivo da sociedade o modo pelo qual as novas condições de produção e circulação simbólica modificam as maneiras de ler, ver cinema ou "conversar" pela internet.” (2009, p.159).

E do mesmo modo que o capital invade as zonas periféricas, também as minorias chegam ao centro, rompendo barreiras espaciais e adentrando na cultura dominante. Esta ida ao centro reflete a mescla cultural que se estabelece na sociedade, impulsionada pelo próprio capital, através dos fluxos tecnológicos, mercadológicos e culturais. Este rompimento de barreiras culturais e sociais demonstra claramente uma ligação entre local e global como condição de existência:

O destino e a sorte do mais simples e pobre agricultor no mais remoto canto do mundo depende dos deslocamentos não regulados do mercado global – e, por essa razão, ele (ou ela) é hoje um elemento essencial de cada cálculo global. (HALL, 2012, p.51).

No entanto, ainda há uma problemática nesta lógica de fluxos e hibridização cultural, que justificam as migrações, cujo cenário é o da globalização de um capitalismo avançado, transnacional e descentralizado:

‘É mais simples fazer investimentos em um país estranho do que se tornar cidadão’, acrescenta Garcia Canclini, para alertar sobre o tipo de protagonismo reservado às imigrações contemporâneas na constituição dos mercados regionais e ao mesmo tempo registrar que, em ritmo similar ao das alianças econômicas e, articuladas a elas, as barreiras às imigrações têm se transformado em um dos principais temas da pauta dos acordos de livre comércio e integração regional no cenário da globalização. (COGO, 2001, p.13).

Contraditoriamente, Hall (2012) argumenta que não há garantia de um final feliz nesta relação de fluxos de pessoas e hibridização cultural. Os antigos Estados-nação, sentindo suas culturas – estáticas e etnicizadas – ameaçadas, têm gerado um tipo de política xenofóbica baseada em um exacerbado nacionalismo, o qual são percebidas na própria rede, nas ruas e nos estádios de futebol. No entanto, não entraremos nesta discussão.

5 A tradução das marcas comunicativas migratórias no cenário curitibano

Não é pretensão deste artigo discutir sobre estas expressões, mas pontuar de forma inicial as formas que mais representam a classe de imigrantes localizada em Curitiba. Como proposta principal deste artigo, o levantamento dos estudos culturais a partir da ótica do italiano Antonio Gramsci localiza algumas expressões culturais, que pode também ser consideradas comunicativas.

Antes de serem, todavia, guetos estanques, essas configurações simbólicas territoriais constituem espaços de encontros, trocas e misturas com o conjunto da sociedade. Na maioria dos casos, o território étnico não passa de um espaço de transição, uma interface cultural que possibilita uma integração suave e proporcional à ascensão social almejada por todo imigrante. Esforço de enraizamento e reterritorialização que, na prática comunicacional, se reflete por notáveis estruturas de comunicação e mídia comunitárias. (ELHAJJI, 2011, p.6)

Este esforço pela reterritorialização, ao qual se refere ElHajji visando a reconstituição da identidade de indivíduos migrantes, traduz-se em formas comunicacionais condicionadas a uma situação social. Esta qualidade de imigrante pode se constituir também enquanto forma de resistência ao globalitarismo desterritorializante e gerar uma capacidade produtiva, a qual salienta Certeau quando este extrapola ao *habitus de classe* de Bourdieu.

Ao abordar a vertente dos estudos culturais a partir da ótica gramsciana percebe-se que uma análise sobre os fluxos migratórios encontram um importante paralelo no olhar sobre a cultura que se apresenta resistente a outra. Esta resistência é referente – pelo menos no Brasil – a um duro histórico de migrações dentro do país. Povos, sendo eles europeus, asiáticos ou negros (hoje em dia, especialmente, haitianos) representaram na história do país um constante exercício de formação identitária e respeito a sua cidadania. Percebendo que está em jogo uma questão histórica e não só circunstancial, volta-se a Gramsci e sua distinção entre os movimentos históricos “orgânicos” (de longa duração dentro da sociedade, relações de força) e “movimentos mais ocasionais, imediatos, quase acidentais” (HALL, 2012, p.343). O primeiro é mais importante, pois “constituem o terreno concreto da luta e do desenvolvimento político e

social” (Idem, 2012, p.343), cujas relações de força não desaparecem no terreno de luta como formas de “equilíbrio instável” destas relações. (Ibdem, 2012, p.343).

Se a cultura como resistência é ponto central aos estudos culturais, as relações que se estabelecem entre estes indivíduos também têm um fundamento nestes estudos, pois se distinguem de uma resistência coletivista para dar ênfase às formas de vida e a subjetividade do ser humano. Se esta é outra prerrogativa dos estudos culturais, é importante que a pesquisa que relaciona os estudos culturais e os fluxos migratórios percebam redes e entrelaçamentos que favoreçam a comunicabilidade destes migrantes. No entanto, se o espaço do artigo não dispõe de uma discussão mais completa sobre as redes que constituem a sociedade, tal texto busca fazer um levantamento sobre tais organizações que se debruçam sobre a temática dentro da perspectiva em questão.

Se fizermos um breve levantamento, encontramos em Curitiba organizações e redes de apoio ao imigrante como a Casa Latino Americana (Casla), o Programa Política Migratória e Universidades Brasileiras (UFPR), a Pastoral do Migrante da Arquidiocese de Curitiba e o Núcleo de Direitos Humanos da PUCPR. Além destas organizações, que mantêm um trabalho em rede com as mesmas organizações em outras localidades ou com setores parceiros na própria região, encontram-se também um forte trabalho das redes sociais, especialmente via Facebook, na constituição de personagens que reinventam seu cotidiano e dão novas formas à figura do imigrante em Curitiba.

São importantes estas expressões, pois as mesmas, ao contribuírem na promoção da identidade migratória demarcam um novo discurso na esfera pública. Este novo discurso tem como pretensão, a partir de um viés popular e de embate à hegemonia, inferir na cultura massiva de opinião ao imigrante, fomentada pelos meios de comunicação massivos, que tendem a representar a figura do imigrante como um problema a ser resolvida pelas políticas de relações internacionais. Temas como desemprego, a “falta de rumo” e ilegalidade se mantêm como as principais temáticas dos fluxos migratórios² no Brasil.

Desta forma, tais organizações têm se mostrado interessadas na mudança de paradigma especialmente na realização de eventos como estratégias comunicativas. A

² Estas problemáticas relacionadas aos fluxos migratórios se referem à vinda de imigrantes latinos ao Brasil, como bolivianos e, especialmente haitianos a partir de 2010. As imigrações europeias, por exemplo, não são referidas com estes temas, pois a vinda de europeus ou estadunidenses ao Brasil normalmente se referem à busca de cérebros, ou seja, não seriam problemas, mas soluções.

Festa Latinoamericana, organizada pela Pastoral do Migrante, os cursos e debates promovidos tanto pela Casla quanto pelo Núcleo de Direitos Humanos da PUCPR demarcam este espaço de discussão e vinculação. Na realização dos eventos é privilegiada a organização coletiva junto aos imigrantes, que nos faz recorrer a ideia da intelectualidade orgânica. Como exemplo, a Festa Latinoamericana, realizada pela 13ª vez em 2015, mantém em suas práticas o apoio coletivo entre a organização de pastoral e um grupo de imigrantes, composto por representantes de diversos países da América Latina que deliberam sobre divisão das barracas dos países para a festa, formas de vendas, estruturação das apresentações culturais, celebração eucarística e uma avaliação final, realizada também como grupo.

Conclusão

Este artigo tem como pretensão dar um primeiro passo na relação que os estudos culturais, influenciados pelos conceitos de hegemonia, ideologia e intelectual orgânico, de Gramsci, relacionam-se com a temática das migrações. Se a questão das migrações é algo constitutivo do ser humano, como comenta Appadurai (2004), os fluxos migratórios que vêm ocorrendo no Brasil após alguns anos de crescimento econômico, parceiras internacionais (como a *Minustah*, ou “Missão de Paz”³ no Haiti) e a vinda de grandes eventos para o Brasil, como a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos, demandam para estes estudos um olhar atencioso ao país neste início de século.

Especialmente se olharmos a vinda de haitianos, a representação dada a eles nos meios de comunicação não atinge ainda o objetivo de cumprimento de cidadania. Comumente em jornais são mostrados casos de trabalhadores estrangeiros atuando em situação de trabalho escravo, o que coloca o imigrante na situação de ilegal e subestimado.

A partir desta realidade, a pesquisa que se estabelece a partir deste artigo pretende compreender as melhores formas com as quais a comunicação se insere na própria conjuntura hegemônica para, a partir do popular, reformular o discurso sobre

³ Entre aspas, pois o termo “Missão de Paz” apresenta questionamento quanto aos motivos que levaram à operação, considerando que a paz é um termo que necessitaria de mais problematizações.

estes indivíduos na opinião pública. Para isso, julgam-se necessários os aportes como as organizações citadas no artigo, visto que a grande imprensa é um instrumento dinâmico de manutenção da hegemonia. Possivelmente, boa parte das questões comunicativas se estabelecerá dentro da organização de eventos, vistos também como estratégias comunicacionais. No entanto, é necessária a análise de como estes eventos estão situados na mídia e como as próprias instituições produzem seus materiais midiáticos, como jornais impressos, blogs, perfis nas redes sociais e programas de TV ou rádio. Sendo assim, em um processo posterior, analisar os processos de comunicação, que inclui formulação de mídias e processos comunicacionais nesta relação mediadora das instituições com os imigrantes seria fundamental para propor uma concepção mais humanizada destes indivíduos na sociedade.

Desta forma, o enfoque para Gramsci nos estudos culturais demonstra uma afeição da pesquisa em vislumbrar não apenas o aspecto microsocial, categoricamente utilizado na antropologia, mas também construir um horizonte macrossocial, de transformação social e mudança de valores hegemônicos.

Referências

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

ALMEIDA, M. Antônio. **Mediações da cultura e da informação**: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2008.

CANCLINI, N. G. **Norte e Sul nos estudos culturais**. In CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFPR, 2009.

COGO, Denise. **Mídia, migração e interculturalidade**: mapeando as estratégias de mediação dos processos migratórios e das falas imigrantes do contexto brasileiro. *Revista Comunicação e Informação*, vol 4, nº1/2, p.11-32, jan/dez 2001.

ESCOSTEGUY, A.C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma visão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Os estudos culturais**. In: HOHLFELDT et al. *Teorias da Comunicação*. 9. ed. Patrópolis: Vozes, 2010.

ELHAJJI, Mohammed. **Migrações, TIC's e comunidades tradicionais**: o devir diaspórico na era global. *Anais XXXIV Intercom*: Recife, 2011.

FERNANDES, P. P. **Haitianos no Brasil**: fluxos migratórios e comunidades virtuais. *Anais XXXVII Intercom*: Foz do Iguaçu, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MARTÍN-BARBERO. J. **Dos meios às mediações: Comunicação Cultura e Hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.